

O CORDEIRO PASCAL

O relato sobre o cordeiro pascal em Êx 12.3-11 é o ponto de partida para todas as outras referências a esse cordeiro.

Há seis pontos específicos em relação a essa importante passagem: (1) o nome *pesaḥ* (páscoa) é para *Yahweh*, isto é, é a páscoa do Senhor (v. 11); refere-se ao cordeiro que seria selecionado para ser morto (v. 21).¹ Como verbo *pāsaḥ* permite que o Senhor “passe por cima” de certas casas (v. 13). (2) O animal é designado como “primogênito” (*bēkôr*), como *šeh malîm*, um animal jovem sem mancha ou defeito (v. 5), não um de segunda qualidade nem um qualquer do rebanho de ovelhas ou cabras. O animal é referido como um cordeiro, o filho de uma ovelha; poderia ser também um cabrito, o filho de uma cabra.² (3) O sangue do cordeiro a ser morto em preparação para a última refeição antes da saída do Egito deveria ser recolhido e passado na verga da porta das habitações israelitas (v. 7). (4) O sangue aspergido era *lě’ōt* (para um sinal) a *Yahweh* quando ele passasse pela terra e reclamasse, pela morte, todos os primogênitos do Egito como sua possessão (v. 13).³ (5) O cordeiro, assado por inteiro e sem que nenhum de seus ossos fosse quebrado, deveria ser totalmente comido pelos israelitas antes da partida (v. 10). (6) Todo cordeiro assado seria comido no início da Festa dos Pães Asmos (v. 8,17).

Antes de voltarmos às referências sobre o cordeiro pascal no Novo Testamento dois pontos devem ser rapidamente discutidos.

Primeiro, o substantivo *šeh* não era reservado especialmente para a festa da Páscoa. Pelo contrário, era o animal de preferência para os sacrifícios diários (Êx 29.28; Nm 28.3-8). Sete cordeiros eram sacrificados na Festa dos Pães Asmos (Êx 28.19) e também sete cordeiros, bem como um touro e um carneiro, na Festa das Trombetas (Êx 29.12; cf. Nm 10.8-10). O cordeiro da Páscoa deveria ser, então, em certo sentido, um cordeiro sacrificial usual, mas em virtude de seu uso na festa da Páscoa era mencionado como “o cordeiro”.

¹ Os comentaristas têm encontrado diversos matizes de significado para o verbo *pāsaḥ*: “coxear” (1Rs 18.21), “manquejar” (18.26), “ser coxo” (Niphal, 2Sm 4.4); cf. KD, 2.17, Robert H. Cole, *Exodus*, [Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity, 1973], p. 108) ou “omitir” (Êx 12.13,23,27) (cf. BDB, p. 820). Martin Noth, expressa dúvidas a respeito do significado original do termo e sugere que a festa deu ao termo seu significado (*Exodus*, p. 89,90). Thierry Maertens crê que alguns eruditos que identificam *pasch* com um “sopro de *Yahweh* contra os egípcios” acertaram o alvo (*A Feast in Honor of Yahweh*, trad. de Kathryn Sullivan [Londres: 1966], p. 102, n. 22).

Êx 12.13 dá o sentido bíblico definido: “Eu passarei por vós”, isto é, por aqueles que tivessem o sangue de um cordeiro nos umbrais da porta.

² O termo hebraico específico para cordeiro é *kebeš* (cf. Êx 29.39; Nm 28.3); *šeh* designa tanto um cordeiro quanto um cabrito (p. ex. Êx 12.5; Dt 14.4; cf. KoB, p. 916). Jeremias compara Israel a “ovelhas dispersas” (Jr 50.17); Isaías compara o Servo sofredor a um cordeiro levado ao matadouro (Is 53.7). O termo egípcio *šau* significa ovelha (cf. as línguas cognatas).

³ A Escritura representa a morte como um meio pelo qual *Yahweh* toma um indivíduo para si mesmo, embora nem sempre em comunhão íntima. Israel é advertido de que as diversas nações cananeias deviam ser “devotadas” ao Senhor, isto é, removidas completamente da terra porque se tornaram odiosas ao Senhor (Dt 7.2, “totalmente as destruirás”; cf. v. 16).

Segundo, a combinação da Festa da Páscoa com a Festa dos Pães Asmos no tempo da saída do Egito não é um acidente histórico. Vários elementos dessa última falam significativamente das experiências de Israel no Egito, por exemplo, o pão sem fermento e as ervas amargas. Não deve surpreender que Moisés como porta-voz de Deus tenha ordenado que a Páscoa fosse celebrada na véspera da Festa dos Pães Asmos (Lv 23.4-8). Assim, enquanto Israel comemorava sua libertação por meio do cordeiro, também rememorava, simbolicamente, a fonte de sua libertação.⁴

O Novo Testamento fala a respeito de um cordeiro. Quando o dignitário etíope perguntou a Filipe acerca do significado da profecia de Isaías (Is 53.7-8), o evangelista disse-lhe que o cordeiro se referia a Cristo e à sua obra expiatória (At 8.32). João Batista chamou Jesus de “o Cordeiro de Deus” (Jo 1.29) sem ser específico a respeito do fundo vétero-testamentário do título.

O termo *cordeiro* ocorre cerca de vinte e nove vezes no Apocalipse (p. ex., 5.6,12-13). A primeira referência de João é ao cordeiro que parecia como se tivesse sido morto (5.7). Não há referência direta ao cordeiro da Páscoa, mas o pensamento é dirigido a ele pela referência específica a “o Cordeiro”. Paulo é taxativo: “Cristo, nosso cordeiro pascal, foi sacrificado” (1Co 5.9).

Numa discussão a respeito do cordeiro pascal é difícil evitar uma longa discussão acerca da festa da Páscoa, sua origem, sua relação com outras festas e seus elementos. Muita literatura existe sobre este tema.⁵ Nosso interesse é especialmente sobre a significação messiânica do cordeiro da Páscoa revelada por Deus no Antigo Testamento.

Para aqueles que insistem no ponto de vista estrito do conceito messiânico, isto é, uma pessoa real, não há obviamente nenhuma significação messiânica no cordeiro da Páscoa, no período do Antigo Testamento.⁶ Como indicamos em capítulos prévios, o ponto de vista amplo do conceito messiânico é apresentado no Antigo Testamento. O cordeiro da Páscoa fornece evidência substancial a este fato. O cordeiro da Páscoa é um tipo não-pessoal. Muito do que foi escrito a respeito da tipologia bíblica é aplicável neste caso.

⁴ Alguns estudiosos da religião do Antigo Testamento insistem muito na combinação dessas duas festas (cf. Roland de Vaux, *Studies in Old Testament Sacrifice* [Cardiff: University of Wales Press, 1964], pp. 2-24; Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Exodus*, trad. de Israel Abrahams [Jerusalém: Magnes, 1967], pp. 136-138). Martins North afirma que o sacrifício da Páscoa era conhecido antes do êxodo de Israel do Egito (*Exodus*, p. 91).

Thierry Maertens, que fez um estudo pormenorizado das festas judaicas, admite origens pagãs para cada uma delas (cap. 1, “Prelúdios Pagãos”, às festas judaicas explanadas no caps. 2-10) que, depois de um período de refinamento e espiritualização, foram adotadas pelos hebreus e, séculos mais tarde, pela Igreja no Novo Testamento (ibid., p. 98).

A obra de Maertens apresenta alguns defeitos fundamentais. Em vez de trabalhar com fontes originais, ele emprega somente fontes secundárias que assumem um desenvolvimento evolucionista na história da religião de Israel. (Traçar essa evolução histórica constitui o estudo bíblico-teológico para Maertens, pp. 15-17). Ele acha que os israelitas operaram esse refinamento e essa espiritualização e considera que esse esforço humano resulta em revelação divina (cf., p. ex., pp. 37,70,110). Ele julga correta a obra de eruditos que dissecaram e rearranjaram o Antigo Testamento. Assim, somente uma parte do livro de Êxodo, p. ex., os capítulos 22-24, é antiga. O deuteronomista, vivendo mais tarde no período do reino de Judá, teve influência formativa no desenvolvimento da mensagem do Antigo Testamento, ao passo que Levítico data do período pós-exílico. Em resumo, usando os métodos extremados da alta crítica e assumindo que estão certas suas conclusões teológicas, Maertens nota que a festa da Páscoa, que inicialmente era um “rito mágico” de sangue destinado a afastar da tenda de um homem as forças destrutivas (p. 100), foi mudada – pelos judeus, piedosos, através dos tempos, e por Jesus – em uma festa com mensagem messiânica.

⁵ Cf. o ensaio compreensivo, embora sucinto, de J. Jocz sobre a festa da Páscoa (“Passover”, *ZPEB*, 4.605-611; a p. 611 contém uma excelente bibliografia para estudos sobre o assunto). Maertens, que defende um ponto de vista católico romano, apresenta pensadores como Jean Daniélou (cf. “Lês Quatre-Temps de Septembre et la Fête des Tabernacles”), É. Dhorme (*La Religion des Hébreux, Nômades*), Riesenfeld e outros (*Feast in Honor of Yahweh*, p. 89, n. 16; p. 99; p. 93, n. 17).

⁶ Lembremo-nos de que Maertens só vê significação messiânica no cordeiro da Páscoa depois que os judeus refinaram e espiritualizaram o rito pascal e depois que Cristo o aplicou a si mesmo (*Feast in Honor of Yahweh*, pp. 121-126).

O fator central relativo ao cordeiro pascal é o sangue. O sangue foi o meio que Yahweh empregou para poupar os primogênitos de Israel.⁷ O cordeiro, para que seu sangue fosse útil, tinha de morrer. Assim, o cordeiro tornou-se um substituto para todos os primogênitos em Israel. Sem que o sangue do cordeiro fosse derramado, recolhido e aplicado, não haveria nenhuma libertação, nenhuma redenção para o povo escolhido de Yahweh. O sangue do cordeiro usado no tempo do êxodo apontava, como um tipo, para o sangue de Cristo derramado, sem o qual não há redenção do cativo do pecado (Hb 9.22). O sangue do cordeiro funcionava redentivamente e, portanto, tem um significado messiânico definido.

O cordeiro da Páscoa, em si mesmo, também tem significação messiânica como tipo. Seu caráter e qualidade tinham de ser sem mancha ou defeito. Nenhuma das evidências dos efeitos ruinosos do pecado e seus resultados poderia estar presente. O próprio cordeiro tinha de ser perfeito para ser aceitável a Yahweh como um substituto para o povo oprimido a sofrer sob o cativo egípcio. Ele tinha de ser completamente consumido, sem que seus ossos fossem quebrados, para indicar a extrema necessidade de uma total libertação e integral submissão a este requisito.

O cordeiro da Páscoa tinha um aspecto escatológico definido. Ele devia ser morto, não somente no tempo do êxodo, mas anualmente. Yahweh, falando por meio de Moisés, ordenou que a cada ano um cordeiro da Páscoa fosse selecionado, morto e consumido (12.14) em cada família. Assim, as famílias deveriam considerar, retrospectivamente, sua libertação. Isto, por sua vez, falava prospectivamente de uma libertação plena, total, que viria por meio de um Cordeiro Pascal cuja morte sacrificial, uma vez cumprida na história, traria completa redenção e, portanto, tornaria desnecessário qualquer novo derramamento do sangue do cordeiro pascal.

Revelação Messiânica no Antigo Testamento, de Gerard van Groningen, Editora Cultura Cristã

⁷ Fizemos antes menção de vários eruditos que se referem a um rito pagão ou a um festival de primavera de pastores nômades. Durante esse rito ou festival era usado sangue para oferecer proteção, estabelecer unidade e comunhão, dar forças para uma tarefa e gerar destemor. (Cf. Jack Finegan, *Le My People Go* [Nova York: Harper, 1963], pp. 68-71). É certo que tais ritos eram e ainda são praticados. Mas devemos compreender que Yahweh ordenou que um cordeiro perfeito fosse tomado e com seu sangue fosse untada a porta em sinal de obediência, fé e submissão, e como uma indicação de que já fora derramado o sangue, de modo que a morte não devia ser experimentada pela família crente.